

# O Império era o café

## Abertura

Nossa viagem agora será pelos cafezais. Percorreremos antigas regiões de café dos atuais Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Veremos como um produto pode transformar um lugar, pode criar novos hábitos, novas fontes de empregos, novas formas de comunicação e novas relações sociais.

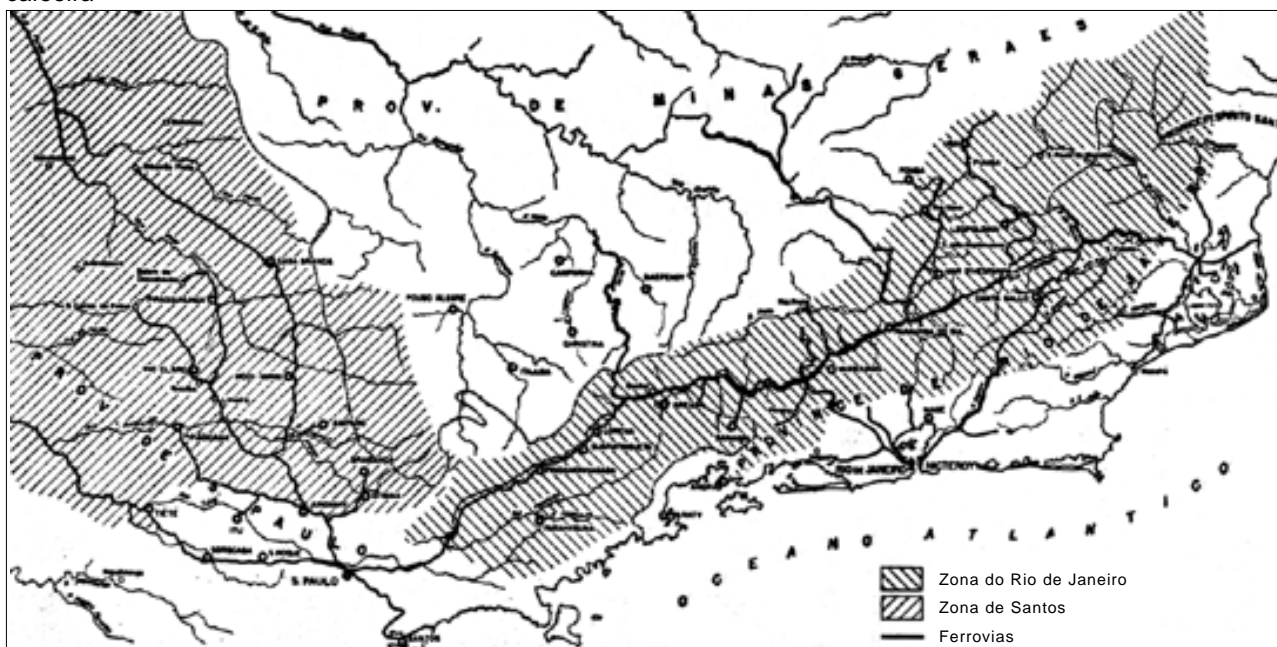
## Movimento

### A formação da economia cafeeira

Criar uma grande fazenda de café no século XIX não era nada fácil. Requeria terras, capitais, mão-de-obra, transporte e mercado. Vejamos como foi possível reunir todos esses fatores. Depois, vamos acompanhar as mudanças promovidas pela expansão da lavoura cafeeira no país.

No interior da província do Rio de Janeiro, o café encontrou ótimas condições para se desenvolver. Da cidade do Rio de Janeiro, ele subiu a serra e alcançou o vale do rio Paraíba.

A expansão cafeeira



Ali havia um clima favorável e terras disponíveis... Mas não tão disponíveis assim. Muitas vezes, a formação dos grandes cafezais no meio rural fluminense foi precedida de uma grande luta pela posse das terras. A região, conta Ilmar Mattos,

*(...) era área de "fronteira aberta", isto é, de estrutura fundiária ainda não definida, até mesmo em termos jurídicos.*

Os conflitos em razão da aquisição e mesmo dos limites das propriedades rurais eram, muitas vezes, resolvidos pela força. Conquistada a propriedade pelas armas, tratava-se de legalizá-la.

Esse era um problema geral, não apenas daquela região. Tanto é que, em 1850, o governo imperial resolveu regular a disponibilidade de terras por meio da Lei de Terras. Só que, naquele momento, boa parte dos cafezais fluminenses já estava assentada.

Mas não bastava apenas "conquistar a propriedade". Era necessário preparar a terra, promover o plantio, adquirir equipamentos e mão-de-obra escrava e comercializar a safra. Tudo isso requeria uma **grande soma de capitais**. Grande parte deles veio ou da transferência de recursos de outras culturas, como a do açúcar, ou das atividades comerciais impulsionadas com a chegada da família real ao Brasil. D. João VI, por sinal, foi um dos incentivadores da lavoura cafeeira no Brasil, promovendo, em 1817, uma distribuição de sementes entre os grandes proprietários de terras. Com o tempo, no entanto, a lavoura cafeeira passou a ser mantida com as próprias rendas.

A escravidão africana foi outro traço fundamental da lavoura cafeeira fluminense. Apesar das constantes pressões inglesas, que vinham desde o início do século XIX, o fluxo de escravos para o Brasil se manteve crescente até 1850. Esse fato favoreceu a utilização, em larga escala, da força de trabalho escrava africana.

Nesses primeiros tempos de lavoura cafeeira, o café era transportado por tropas de burros do interior até a cidade do Rio de Janeiro. Mais tarde, a introdução das ferrovias facilitaria enormemente o escoamento da produção.

Quando chegava à capital do país, a produção era adquirida pelo comissário de café e, daí, vendida ao exportador.

Boris Fausto nos fala um pouco sobre o comissário e suas relações com o produtor de café:

*(...) a princípio no Rio de Janeiro e depois também em Santos, o comissário atuava como intermediário, entre produtores e exportadores. (...) Por conta da mercadoria que lhe era entregue, (...) fornecia os bens de consumo e os instrumentos encomendados pelo fazendeiro, ganhando comissões sobre o negócio. Estabelecia-se, assim, uma relação de confiança entre fazendeiro e comissário. (...) Produtores e comissários eram, em regra, brasileiros, mas a exportação de café esteve desde os primeiros tempos em mãos de grandes organizações [norte-]americanas e inglesas.*

**Boris Fausto, *História do Brasil*, p. 189**

**Em tempo**

A presença de ingleses e norte-americanos na exportação de café não era fruto do acaso. O café significava bom negócio, e um negócio em expansão. Na década de 1820, correspondia a cerca de 18% das nossas exportações. Na década de 1830, esse número já subira para cerca de 43%. O principal importador do café brasileiro eram os Estados Unidos da América.

Na primeira metade do século XIX, não se plantava café apenas na província do Rio de Janeiro. Os cafezais seguiram o curso do rio Paraíba e alcançaram as terras paulistas. Em 1836, a província de São Paulo produzia cerca de 25% do café brasileiro.

O café também avançou por terras mineiras, no sul e na Zona da Mata, que se transformaram, no dizer do historiador Ilmar Mattos, em uma **extensão do vale fluminense**. Embora a província de Minas Gerais possuísse um grande número de escravos durante boa parte do Império, a produção cafeeira mineira era pequena se comparada à produção fluminense.

O predomínio da província do Rio de Janeiro permaneceria ainda por algum tempo. Em 1865, os cafezais fluminenses eram responsáveis por “mais 3/4 partes de todo o café que se exporta” (dados de Sebastião Soares citados por Ilmar Mattos, *Tempo saquarema*, p. 61)

A primeira grande **onda verde** do café teve importantes efeitos econômicos. O primeiro deles foi o reequilíbrio da balança comercial brasileira. Depois de um longo período de **déficits**, as nossas exportações passaram, a partir da década de 1860, a superar as importações.

Ocorreu também o que o historiador Caio Prado Jr. chamou de melhor **aparelhamento técnico do país**:

*Refiro-me a estradas de ferro e outros meios de comunicação e transportes, mecanização das indústrias rurais, instalação de algumas manufaturas (...).*

**Caio Prado Jr., História econômica do Brasil, p. 173**

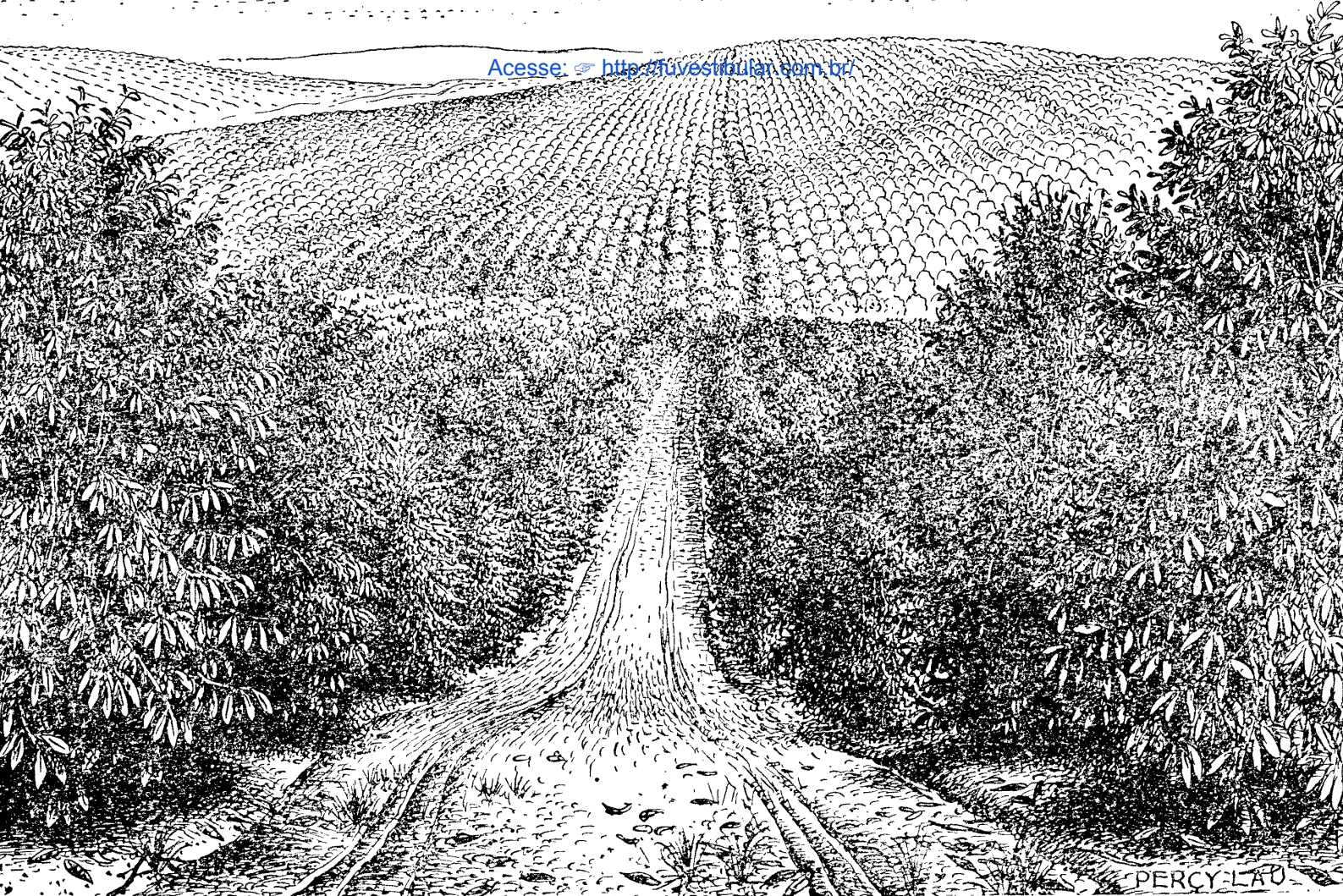
A expansão urbana foi outro importante efeito do **impulso modernizador** produzido pela economia cafeeira. Nas aulas seguintes, veremos como tudo isso contribuiu para criar inúmeras cidades e modificar a face de algumas delas, como foi o caso da cidade do Rio de Janeiro.

A expansão cafeeira contribuiu também para a **mudança do eixo econômico brasileiro do Nordeste para o Sudeste**. É bom lembrar que o avanço dos cafezais pelo vale do Paraíba fluminense e depois paulista ocorreu em meio a sucessivas perdas de mercado sofridas pela lavoura açucareira – principal produto de exportação nordestino.

Isso não quer dizer, no entanto, que a lavoura açucareira tenha deixado de ser importante para a economia brasileira. É só acompanhar o quadro abaixo para perceber que café e açúcar juntos, em 1860, representavam cerca de 60% das nossas exportações.

PORCENTAGEM DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DE EXPORTAÇÃO		
1821-1830	1831-1840	1841-1850
Açúcar ..... 30,1%	Café ..... 43,8%	Café ..... 41,5%
Algodão ..... 20,6%	Açúcar ..... 24,0%	Açúcar ..... 26,7%
Café ..... 18,4%	Algodão ..... 10,8%	Couros e peles .. 8,5%
Couros e peles . 13,6%	Couros e peles .. 7,9%	Algodão ..... 7,5%

Fonte: Nelson Werneck Sodré, *História da burguesia brasileira*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1964, página 78.



O cafezal

Todo esse processo de modernização teve por base uma lavoura que preservou as principais características da tradicional estrutura produtiva brasileira: a grande propriedade monocultora e escravista. Pelo menos até a primeira metade do século XIX, a cafeicultura, mais do que simplesmente manter, teve o papel de reforçar o sistema escravista de produção. Nas palavras de Caio Prado Jr.:

*Graças ao amparo de um artigo como o café, de largas facilidades de produção no país e de considerável importância comercial nos mercados mundiais, aquela estrutura [tradicional], momentaneamente abalada pelas transformações sofridas pelo país na primeira parte do século, consegue se refazer e prosperar mesmo consideravelmente ainda por muito tempo.*

**Caio Prado Jr., *História econômica do Brasil*, p. 173**

A existência de terras e escravos disponíveis fez com que a produção cafeeira do vale do Paraíba assumisse características tradicionais. Não houve grandes preocupações com o aumento da produtividade e com a introdução de maquinarias mais modernas. O café ainda era o escravo.

Mas quem agia e pensava dessa forma? Quem era esse fazendeiro de café? Tratem-se agora de estudar alguns dos principais agentes dessa primeira onda cafeeira.

Releia a aula e estabeleça relações entre a expansão cafeeira e o processo de modernização da economia brasileira.

**Pausa**

## Os barões do café

*Quanto mais me aproximo da capitania do Rio de Janeiro, mais consideráveis se tornam as plantações. Várias delas existem, também muito importantes, perto da vila de Resende. Proprietários desta redondeza possuem 40, 60, 80 e até 100 mil pés de café. Pelo preço do gênero, devem estes fazendeiros ganhar somas enormes.*

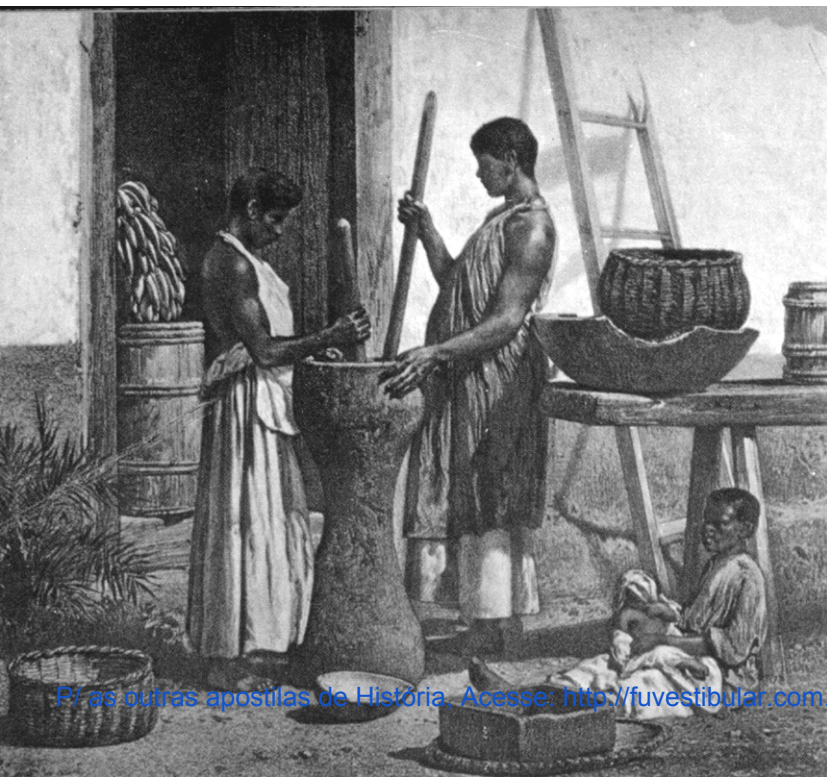
Como se pode perceber pelas palavras de Saint-Hilaire, a expansão cafeeira não produziu apenas riqueza material para o Império do Brasil. Com ela surgiu, especialmente na província fluminense, uma nova elite econômica.

Nos diversos centros produtores da província do Rio de Janeiro (como Resende, Barra Mansa, Vassouras, Valença e Cantagalo) formaram-se importantes famílias que logo se tornaram, nas palavras de Ilmar Mattos, verdadeiras **dinastias cafeeiras**. Os chefes dessas famílias passaram a ter influência no poder local e regional.

*Eles participavam das reuniões das câmaras municipais; elegiam-se para a Assembléia Provincial; formavam na Guarda Nacional; casavam suas filhas com bacharéis que deveriam representá-los junto ao governo geral; (...) recebiam ou compravam títulos de nobreza, tornando-se 'barões do café'; construíam luxuosos palacetes ou casas sólidas e vastas na Corte. Como Estêvão Ribeiro de Resende, barão, conde e marquês de Valença; como Peregrino José de Américo Pinheiro, barão e visconde de Ipiabas; como Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, barão de Pati de Alferes; ou como Francisco José Teixeira Leite, barão de Vassouras.*

**Ilmar Mattos e Márcia de Almeida Gonçalves, O império da boa sociedade, p. 50**

Mais do que proprietários de terras e escravos, os **barões do café** foram se constituindo em importante força social e política. Em geral, defendiam o governo imperial e a ordem escravista. Em pouco tempo, tornaram-se uma das principais bases políticas do Partido Conservador.



Mas alguns deles não perdiam de vista determinados problemas. Na década de 1840, em pleno apogeu da produção cafeeira do vale do Paraíba, o problema da substituição da mão-de-obra escrava pela livre estava na ordem do dia. A Inglaterra pressionava fortemente pelo fim do tráfico internacional de escravos, e estavam sendo iniciadas algumas experiências de imigração estrangeira.

Para algumas lideranças dos **barões do café**, como Francisco Werneck, o problema não era de fácil solução. Werneck, em 1847, chamava a escravidão de

*gérmen roedor do Império do Brasil,  
que só o tempo [poderia] curar.*

Ele afirmava que não havia condições para a adoção do trabalho livre, pois o imigrante logo fugiria e iria trabalhar por conta própria. Assim, dizia ele,

*vê-se a necessidade de continuar com esse cancro roedor, cujo preço não está em harmonia com a renda que dele se pode tirar; ainda mais se acresce a imensa mortandade a que estão sujeitos e que devora fortunas colossais (...).*

**Francisco P. de L. Werneck, citado por Ana Luiza Martins, *O império do café*, p. 63**

O problema estava na mesa. Para Werneck, a questão era ou permanecer com o peso de uma mão-de-obra **cara e atrasada**, como a escrava africana, ou então partir para uma experiência **pouco segura, inquietante**, com a utilização da mão-de-obra livre. Nos cafezais do vale do Paraíba, como veremos nas próximas aulas, a tradição falou mais alto e a escravidão africana permaneceu preponderante.

Releia a aula e explique a expressão: “O Império era o café e o café era o vale do Paraíba”.

Pausa

Nesta aula pudemos estudar como o café do vale do Paraíba se tornou a base de sustentação econômica do Império brasileiro. Vimos que a produção cafeeira estruturou-se em moldes tradicionais, possibilitando, inclusive, a ampliação da utilização do trabalho escravo.

Acompanhamos ainda a formação de um importante núcleo econômico e social, que teve importante papel na afirmação do **projeto conservador** instituído por determinados setores das elites imperiais.

Finalmente, pudemos verificar que, em plena ascensão da produção cafeeira, colocava-se na ordem do dia a questão da substituição da mão-de-obra escrava pela livre. Nosso maior aliado externo, o Império Britânico, endurecia o jogo e exigia o fim do tráfico negreiro.

Como o Império encaminhou esse problema? Como seria possível manter em plena carga a produção cafeeira e, ao mesmo tempo, atender às exigências britânicas?

Na próxima aula, acompanharemos tudo isso. E mais: veremos que, em meio a esse intenso jogo de poder, a sociedade brasileira passava por importantes mudanças.

Últimas palavras

### Exercício 1

Releia o item **A formação da economia cafeeira** e identifique os principais fatores responsáveis pela expansão da lavoura cafeeira fluminense no decorrer século XIX.

### Exercício 2

Releia o item **Os barões do café** e explique por que cafeicultores como Francisco Werneck defendiam a permanência da escravidão africana nas fazendas de café.

Exercícios

